

## EROS E PSIQUÉ: O MITO SOB UM OLHAR EXISTENCIAL E HUMANISTA

**Patrick Wagner de Azevedo**

Mestre em Cognição e Linguagem - UENF

[patrickazevedo35@yahoo.com.br](mailto:patrickazevedo35@yahoo.com.br)

### **Resumo:**

Neste trabalho, procurou-se identificar como o mito de Eros e Psiqué pode ser visto como uma metáfora do rito de passagem a que pessoas que ficaram cegas, podem estar sujeitas. Psiqué era uma linda jovem grega, tão linda que provocou a ira de Afrodite. Para punir Psiqué, uma mortal tão bela quanto ela, Afrodite determina que seu filho Eros faça com que Psiqué se apaixone por uma peçonhenta serpente. Ao encontrar Psiqué, Eros se fere de amor e a leva para seu palácio de sonhos. Apenas uma lei deve ser cumprida: Psiqué não pode ver Eros. Eles se amam, mas sem que haja luz. Psiqué desobedece e, com uma lâmpada, ilumina o rosto de Eros que, percebendo a traição, vai-se embora. Para recuperar seu amor, Psiqué precisa se submeter a quatro provas que Afrodite lhe propõe. A mais difícil dentre as provas é a que faz Psiqué ir ao Hades e buscar um pouco de beleza imortal de Percéfone dentro de uma caixinha, sem abri-la. Pessoas com privação visual precisam ressignificar as vivências que se seguiram à perda sensorial. A teoria existencial pode contribuir para apontar as ricas possibilidades de reencontro de sentidos ou a criação de novos significados para a existência a partir de diferentes modalidades sensoriais. Desse modo, esse ensaio busca compreender a mitologia como manancial de significados para as infindáveis possibilidades vivenciais humanas.

**Palavras-chave:** Eros, Psiqué, Cegueira, Sentido.

### **Abstract:**

The present work aims to identify how the myth of Eros and Psyche can be seen as a metaphor to the on-going passage rite on which people who got blind can be subjected. Psyche was a gracious young greek lady, so beautiful she evoked Afrodith's anger. In order to punish Psyche, a mere mortal, so beautiful as her, Afrodith orders her son Eros that Psyche falls in love with a poisonous snake. Upon meeting Psyche, Eros is speared with love and take her to his dreams palace. Only one rule should be observed: Psyche cannot see Eros. They make love, but only in the absence of light. Psyche disobeys and, with the use of a light bulb, sheds light upon Eros face, who noticing her treason, goes away. In order to reconcile and have her passionate again, Psyche needs to undergo four tasks imposed by Afrodith. The harder is that one that makes Psyche go to Hades and collect in a little box a bit of the immortal beauty of Persephone, keeping the box closed. People with visual impairments need to resignify those life experiences that took place after that sense lost. The existential theory can contribute to show the rich possibilities of sense reencounters or to the creation of new meanings to the existence, from different sense aspects. Therefor, this essay aims to understand mithology as a source of infinite meanings to the unending human living possibilities.

**Keywords:** Eros, Psyche, Blindness, Senses.

## 1– INTRODUÇÃO

Pretende-se, neste trabalho, apontar para possíveis significados que auxiliem na compreensão de vivências próprias de quem sofreu uma perda sensorial. Assim, a mitologia pode ser considerada como reservatório universal de sentidos que podem, a qualquer tempo, ser encontrados. Eros e Psiqué representam, neste ensaio, um verdadeiro rito de passagem ao qual indivíduos que sofreram privação visual podem ser submetidos. Entende-se rito de passagem como a possibilidade humana de ressignificar experiências vivenciais.

De início, é necessário definir-se de que modo entendemos Eros e Psiqué. O nome Psiqué deriva da palavra *psykhé* e do verbo *psykhein* que em grego significa soprar, respirar, tanto no sentido de sopro, quanto no de princípio vital (Brandão, 1988). Para Homero, em Aroux (1990), Psiqué, ou *psykhé* (de *psukho*: sopro) é uma força vital expirada pelos homens na hora da morte. A idéia de uma *psykhé* como uma entidade autônoma, superior e independente do soma, sede dos pensamentos, das emoções, das fantasias, dos sonhos e dos desejos, só aparecerá com Pitágoras. Em Sócrates, identificada ao próprio indivíduo, a Psiqué passa a representar o aspecto mais essencial, imaterial e indissolúvel do homem, a sua alma. Eros é uma divindade do Panteão Grego. Inicialmente, Eros representa a força abstrata do desejo, a força de atração que possibilita a reprodução. É ele quem assegura a coesão e a perenidade do Universo. Eros também pode ser entendido como a personificação do amor e seu nome tem como raiz etimológica, em grego, o vocábulo *eros* do verbo *érasthai* – desejar ardentemente. Eros, portanto, significa o desejo dos sentidos em indo-europeu, o elemento (e) rem simboliza comprazer-se, deleitar-se; Em sânscrito, o verbo *ramaê* - ter prazer em estar num lugar (Brandão, 1988).

De que modo cegueira, amor e alma se articulam? De quais modos uma limitação sensorial condiciona a vida cognitivo-emocional de um indivíduo? Tentemos buscar no mito algumas direções possíveis que levem a compreensão de significados para as infindáveis possibilidades vivenciais humanas. Além disso, mais especificamente, considerando-se o aparecimento do mundo de distintas perspectivas sensoriais reencontrar o *dasein* como ser lançado e como ser para a abertura.

## 2 – CAPÍTULO I – O OLHAR EXISTENCIAL – HUMANISTA

Agora, ingressemos em temas filosóficos. Por sinal, toda psicologia existencial está fundada na filosofia. Desse modo, é importante começarmos pela fenomenologia. A fenomenologia é uma filosofia, desenvolvida especialmente por Husserl e por Heidegger, que tem como proposta fundamental fazer uma reflexão a partir do ideário metafísico que entende que todos os entes possuem uma essência ou verdade sobre si mesmo, de cunho imutável e absoluto (Critelli, 2006). Nesse sentido, todas as coisas, todos os seres, estariam sujeitos a uma eterna dicotomia: aparência e essência. Assim sendo, cabe ao sujeito do conhecimento encontrar métodos eficazes que o permitam descobrir e revelar o que realmente é a coisa ou ser que se apresenta a sua consciência.

Veja-se que há um pressuposto básico nessa filosofia: existe um mundo objetivo, pré-existente à consciência, esta só deve ter o trabalho de não se iludir e buscar sempre a

"Verdade" sobre tudo que se apresenta aos sentidos. Esse modo de pensar, por sinal, permeia toda a ciência natural e também influi fortemente nas ciências humanas. A fenomenologia, por outro lado, nos dá conta de que pode ser um engano crer-se que exista a referida dicotomia entre aparência e essência, ou, entre ente e ser. De acordo com este modo de pensar, o ente é uma expressão do ser (Feijoo, 2000). A consequência de tal afirmação nos leva a considerar que não se pode supor a existência prévia do mundo ou a coisa em si, tudo está articulado com a consciência e é a partir de sua intencionalidade que as coisas e os seres aparecem e existem. Assim, podemos dizer que consciência – mundo – sentido são elementos indissociáveis. A partir de tais considerações, vê-se que não há o mundo em si, portanto a desejada imutabilidade essencial e verdadeira das coisas e dos seres jamais é alcançada e o que se tem é um fluir de significações que se constroem a partir das recíprocas configurações de consciência / mundo ou do ser – no – mundo. Pode-se dizer que o ser – no – mundo não funda os significados em nenhum valor ou essência prévios, ou seja, por detrás das significações construídas, o que há é o nada (Critelli, 2006). Tal constatação produz no ser a angústia, o desespero ou a náusea, conforme estivermos tratando de Heidegger, Kierkegaard ou Sartre. Nesse ponto é importante esclarecer que o objetivo do modo de pensar metafísico está em se formatar um conceito ou representação que contenha a essência imutável do objeto investigado. Vê-se que o foco está no conceito ou representação e não na experiência. A experiência, a vivência, é o próprio existir humano e é este, a vida, que nos permite perceber o sentido das coisas mesmas (Merleau-Ponty, 1999). O existir é necessariamente fluido, mutante, e é justamente esta característica que nos vai apresentando as infindáveis facetas e possibilidades de desvelamento das coisas e dos seres. O desvelamento de um significado possível das coisas vai se formando pelos modos que o homem encontra de lidar com elas. Mas, não apenas isso, o significado se forma também pela articulação dos modos que o homem engendra de lidar com as coisas e com os outros homens e como estes últimos também lidam com as mesmas coisas (Merleau-Ponty, 1999).

Após falarmos um pouco da fenomenologia, voltemos nossa atenção para o existencialismo e para o humanismo. O termo existencialismo vem de uma corrente filosófica que floresceu, sobretudo, no século XX, mas que tem suas origens em Kierkegaard, no século XIX. O fundamento desta abordagem teórica é que a existência precede a essência (Penha, 2001). O que significa tal afirmação? Significa, sobretudo, que o homem, em particular, não está sujeito a nenhum tipo de essência. Essência é entendida como um conjunto de características de personalidade, fisiológicas, sociais ou de qualquer natureza, que indiquem definitivamente o que é o homem. Este não é como uma cadeira, por exemplo, que possui uma essência, um modo de ser definitivo, imutável que jamais pode ser alterado. O homem se define, se faz e refaz em sua existência, ou seja, é em suas vivências cotidianas que ele pode definir-se. Em outras palavras, diria que é a vida, o seguir da vida e das experiências que indicam ao homem o que ele é e, o mais importante, o que ele não é e pode vir a ser. O vir a ser é aspecto fundamental da teoria existencial humanista. Neste sentido, quanto ao termo humanista, pode -se dizer que o homem é o real artífice de si mesmo, é ele que pode se definir e ser o projeto de si mesmo. Ser o projeto de si mesmo tem como pré-requisito fundamental a liberdade. Só como um ser livre o homem pode recriar-se, ressignificar sua existência. Do que deve libertar-se o homem? O homem, para o existencialismo humanista, não está sujeito a determinantes biológicos, sociais, econômicos, culturais ou de qualquer outra ordem. Não se duvida que tais circunstâncias interferem, por vezes profundamente, na vida do homem, mas este, em última instância, é livre para fazer escolhas. Escolhas estas que podem sofrer condicionamentos sócio – históricos, mas que não deixam de estar a disposição do homem. Existência, eis outro termo importante para a teoria na qual este trabalho está baseado. A existência é entendida como o sentido da vida (Pompéia e

Sapienza, 2004). Sim, o sentido da vida. Enquanto a medicina trata da manutenção da própria vida, a psicologia existencial busca auxiliar o indivíduo a encontrar o sentido de sua vida. Para humanistas como Victor Frank (1991), o sentido é o mais importante a ser buscado em nossa existência, pois ele pode fazer com que possamos enfrentar todos os percalços de uma vida, por vezes, cheia de dificuldades. É importante ter-se em mente que o humanismo existencial propõe que o homem é construtor do mundo (Augras, 1986). A partir de uma abordagem heideggeriana, constata-se que o ser -no -mundo (dasein) é um todo indivisível e que estão sempre interagindo e se configurando mutuamente. O mundo não é pré-dado de modo definitivo, ele está em aberto, como o ser, e essa constatação aponta para o por vir, elemento ainda em termos de possibilidade, e que conforme a direção simbólica adotada pelo dasein, o mundo estará sendo, junto com o ser, reconstruído e ressignificado. Assim, fica explícito que a significação é o modo que se apresenta ao ser para construir o mundo. A cegueira, em especial, pode ser vista como uma perda gigantesca e definitiva que limita o dasein por toda sua existência, ou, pode ser significada como campo de novas vivências e até mesmo de novas oportunidades. Obviamente, que o dasein, como ser para a abertura, pode significar de inúmeras outras maneiras suas vivências.

A teoria existencial permite a abertura do ser e do mundo a incríveis possibilidades de significação, fato que elimina o aprisionamento do que é tomado como normal, do adequado, do ajustamento e da previsibilidade monótona de uma existência previamente determinada e configurada por entidades extra-humanas como a fisiologia, o social, o divino. Inúmeros significados podem ser descobertos, recriados, reinventados, levando a crer que o homem pode não ser prisioneiro de significados disponíveis que, por muitas vezes, estão engendrados com o poder constituído e com a autoridade de grupos dominantes. Contudo, é difícil ao dasein enfrentar significados disponíveis e consolidados em sua época. Para tal enfrentamento, por vezes, faz-se necessário um rito de passagem, em que velhas crenças, dogmas, ou seja, significados disponíveis, são questionados e outros significados assumem seu lugar. O sofrimento pode ser absolutamente necessário para que tal mudança se efetive e a história seja construída. Nesse ponto, é relevante tratar-se de um tema que auxilia a compreensão do sentido do que pretendemos explicitar: o papel do outro. O outro, para a teoria existencial humanista, pertence ao campo de possibilidades do ser. Desse modo, o dasein quando identifica-se, confronta seus limites, está diante do que ele não é. O ser e o nada se articulam no dasein ( Augras, 1986). O dasein apresenta-se como fértil campo de possibilidades de identificação, e a abertura para a alteridade inserta no próprio âmago do ser que propicia a reorientação do dasein para novos significados de si e do mundo.

### 3 – CAPÍTULO II – O MITO – Primeira Parte

Numa certa cidade havia um rei que tinha três lindas filhas. As duas primeiras eram de fato muito bonitas, mas a terceira, caçula, era muito mais que bonita. Era tão bela que sua aparência física desafiava a beleza imortal da deusa Afrodite. Muitos acreditavam ser Psiqué a personificação da própria Afrodite enquanto jovem. Em decorrência, os templos de Afrodite começaram a esvaziar, enquanto Psiqué tornava-se objeto de adoração pública. Venerada por todos que a tinham visto, Psiqué tornou-se um estorvo e uma rival para Afrodite. Totalmente insatisfeita com a situação criada pela estonteante beleza da mortal, Afrodite articula uma cruel vingança que depende da colaboração de um

promíscuo e corruptor da moral pública, seu amado e também belíssimo filho, Eros. Lançando mão de seus sobrenaturais poderes, de flechas envenenadas de paixão, ele faria Psiqué se apaixonar loucamente pelo mais horrendo e asqueroso de todos os seres, uma serpente peçonhenta que vivia enroscada em seus mil anéis no alto de uma montanha. O pai de Psiqué, já prevendo que a fama e o prestígio de sua filha despertariam a fúria de Afrodite, dirige-se ao Oráculo de Apolo em Mileto, onde é informado acerca dos planos de vingança de Afrodite. Obediente à profecia, Psiqué dirige-se ao alto do penhasco para encontrar-se com o noivo / monstro. No meio do caminho encontra-se com Eros que a espera para desempenhar a missão que fora incumbido por sua mãe, a de atingir Psiqué com suas flechas envenenadas e certeiras de paixão. Entretanto, no momento em que a vê, Eros desnorreia-se com sua incrível beleza e acaba ferindo-se acidentalmente em suas próprias flechas. No mesmo instante, sente-se tomado por uma intensa e irremediável paixão pela bela mortal. Eros, com a ajuda do vento Zéfiro, a rapta para o seu suntuoso castelo de sonhos.

O castelo, feito de ouro, prata e pedras preciosas, era cercado por belíssimos bosques e lagos. Naquela majestosa construção onírica, protegidos do mundo, Eros e Psiqué estabelecem os mais profundos e luxuriantes contatos amorosos. Na verdade, o único sentimento bem vindo naquele lugar envolvido por espessas brumas era o prazer. As brumas que todas as noites caíam sobre o castelo, impediam que Psiqué visse e identificasse o mais desejável de todos os seres, o amante / marido. Desde a sua chegada, Eros determinou que ela não o veria. Durante os dias, Psiqué era acompanhada por inúmeras Vozes que a atendiam em todos os seus desejos, salvo revelar a identidade de seu amante noturno. Todas as noites, impreterivelmente, surgindo do nada, ele adentrava em seu espaçoso e rico quarto para uma sessão de prazeres noturnos e, ao amanhecer, aos primeiros raios de sol, desaparecia como havia chegado, pela janela. Inicialmente, Psiqué não questionou aquela presença de hora marcada e a aguardava ansiosamente ao cair da tarde. Os voluptuosos carinhos, abraços e beijos eram tantos e tão intensos que ela se sentia plenamente realizada. Contudo, como em todo Paraíso, como diz Brandão (1988), não falta uma serpente, o tempo e a rotina fazem Psiqué se queixar da falta da família e, principalmente, de suas irmãs. Eros, inicialmente contrário a tal visita, acaba cedendo aos intensos e incessantes apelos de sua amada e consente que as irmãs venham ao encontro dela no seu castelo de sonhos.

Logo na primeira visita, tomadas pela inveja, elas questionam Psiqué a respeito da identidade de seu amante e protetor. Psiqué, que desconhece totalmente a identidade do seu parceiro sexual, percebe os sentimentos que desperta em suas irmãs e tenta ludibriá-las com mentiras, caindo em contradição. As invejosas irmãs, não suportando a visão da opulência e do prazer que cercava sua irmã caçula, maldosamente incutem em Psiqué o veneno da dúvida. Enfatizando o fato de Psiqué nunca ter visto o seu amante, a questionam sobre a possibilidade de ser ele a tal serpente prometida, um monstro peçonhento. Lembrando-se da fala do marido que lhe havia advertido, que não ousasse vê-lo ou desvendar a sua identidade, pois tal fato ocasionaria não só o seu desaparecimento, mas também que o fruto de seu relacionamento (Psiqué estava grávida) não mais seria um imortal, Psiqué desespera-se. Questões a atormentam: o velamento, a cegueira noturna que lhe era imposta, seria para ocultar o fato de ser o seu amante o tal monstro? Mas, e o prazer? E todo gozo até então sentido? Seria um monstro capaz de proporcionar tanto e tão intenso deleite? Por fim, as irmãs propõem-lhe um plano maquiavélico que Psique ingenuamente aceita. À noite, quando Eros, exausto de tanto amá-la, se entregasse nos braços de Morfeu, Psiqué, previamente armada com uma lamparina para iluminar-lhe o rosto e uma faca para defender-se, caso ele a atacasse, desvendaria, finalmente, a identidade do amante. Depois de muito sofrimento e dúvidas, Psique, atormentada pelos apelos de suas maldosas irmãs, resolve pôr o plano em execução. Entretanto, no instante em que ilumina o rosto do amado, Psiqué depara-se

com Eros, o mais belo de todos os deuses. Trêmula de medo, arrependimento e, num ímpeto de paixão, Psique beija incessantemente o amado. Louca de paixão e esquecida de que traz nas mãos, uma lamparina incandescente, deixa escorrer algumas gotas de óleo fervente pelo ombro de Eros. Acordado com a dor da queimadura, ele constata a traição. Sem dizer uma só palavra, Eros desprende-se dos abraços de Psiqué e desaparece pela janela.

#### 4 – CAPÍTULO III – UMA LEITURA DA PRIMEIRA PARTE DO MITO

Nessa primeira fase, são nítidas as mudanças de Psiqué em sua interação com o mundo. Inicialmente, Psiqué é apenas um objeto de contemplação para ser visto e adorado como uma deusa

grega. Psiqué não era especialmente amada, tocada, nem ouvida, mas, sobretudo, vista, contemplada. Evidencia-se aqui a preponderância dos processos representacionais visuais nos contatos sócio/interacionais daquela época. Tanto pode ser este o sentido do mito que, neste momento, o pior que podia acontecer a Psiqué era estar destinada a casar-se com um "ser horrendo". Afrodite, consciente dos padrões representacionais de seu tempo, escolhe a dedo o castigo de Psiqué: uni-la ao mais feio e horripilante de todos os seres. Embora o castigo não tenha saído exatamente como pretendido, pois Psiqué não se uniu a serpente peçonhenta, a punição ao visual permaneceu, uma vez que ela estava proibida de ver o ser amado.

Psiqué é raptada por Eros do mundo externo e isolada em um castelo de sonhos onde ninguém mais a vê. Ali, ela é, durante o dia, guiada apenas por Vozes e, à noite, quando o seu castelo de sonhos é envolvido por espessas brumas, só experimenta sensações táteis. Assim, cega para o mundo, sem ver e não mais se sentir vista, Psiqué aprende a receber e a dar prazer privilegiando outros sentidos. Nesta fase do mito, toda a relação se estabelece à noite, com Eros, que não se deixa ver, por meio de representações e sensações táteis e auditivas. São inúmeros os abraços, beijos, carícias e orgasmos. O caráter até então abstrato, etéreo, virtual e contemplativo de Psiqué é substituído por um caráter bem mais concreto, palpável, carnal e sensual. Entretanto, sombras de um passado marcadamente visual ressurgem na presença invejosa de suas irmãs. A inveja é um sentimento predominantemente visual (Azevedo, 2004). Trata-se de uma desmedida, um excesso de informação que só pode ser fornecido pelo caráter simultâneo da visualidade. Inveja-se, principalmente, através do olhar. As irmãs chegam e avaliam por meio de olhadelas desmedidas a riqueza existencial da irmã caçula. Não suportam o sentimento que a sua supervalorizada visão desperta em suas doentias mentes. Invejam. Elas não entendem nada do que vêem, porque comparam. Comparam o produto de sua supervalorizada experiência visual com suas demais vivências sensoriais e, perplexas, notam que Psique tem prazer e é feliz sem as representações visuais de seu antigo mundo. Mundo este de onde, pensam elas, só se extrai gozo da luz. Imersas na desmedida visual ou na inveja, elas não economizam esforços para destruir a visão daquilo que tanto mal lhes faz, o pretense bem estar da irmã caçula. Sem perda de tempo, dedicam-se a convencer Psiqué dos riscos que corre na presente situação. Segundo as irmãs, Psiqué deveria abandonar o mais depressa possível o castelo de sonhos, o amante noturno, e voltar à antiga vida. Afinal, não podia existir prazer, amor e gozo num mundo de trevas. Desprovida da visão, Psiqué não poderia estar certa da identidade do seu amante. Tudo que não era visual era, no mínimo, muito arriscado e

perigoso. Ela, então, que nunca tinha pensado na possibilidade do amante ser o monstro que lhe fora designado por Afrodite, passa a conviver com esta dúvida. Assim, a vivência é desvalorizada em favor da representação, em favor de velhos conceitos e preconceitos. A fala das irmãs a remete a uma espécie de mundo paralelo, bem diferente daquele que tinha acesso através das demais modalidades sensoriais. Fora alertada sobre algo que sua pele e seus ouvidos eram incapazes de detectar. Na verdade, pode-se interpretar este fato como se Psiqué houvesse sucumbido a tentação de seu antigo padrão sensorial / representacional. Tomada de assalto pelo antigo mundo cognitivo visualmente marcado, ela fortalece-se para trair o seu verdadeiro amor. Mas, no momento em que vê a divina face de Eros, ela se dá conta de que traiu não só o amante, mas a si mesma, menosprezando os seus demais sentidos. E, mais do que isso, promoveu uma terrível desordem e confusão na incipiente reorganização cognitiva representacional que já estava em curso.

A predominância visual de sua antiga vida não era melhor do que a que experimentou desde o momento em que Eros a toma nos braços e a conduz para o seu palácio de sonhos. Aquela era uma vida fria e distante, sem amor, sem palavras, sem tato, braços e abraços, sem pele e sem afeto. Eros vai embora, porque de alguma forma almejava prazeres mais carnis, táteis e sensuais do que os, até então, concedidos aos deuses gregos. Eros queria, talvez, amar e ser amado como só os mortais sabiam fazer.

### 5 – CAPÍTULO IV – O MITO – Segunda Parte

Tendo perdido Eros, uma nova etapa surge na vida de Psiqué. Imersa numa tristeza sem fim, a desolada e abandonada Psiqué decide dar cabo da própria vida, jogando-se num rio. Entretanto, o rio devolve-a para a margem. Cambaleante e sem rumo certo, ela encontra Pan. Este lhe aconselha procurar Eros. Ainda sem saber o que fazer, Psiqué vai à procura de Afrodite. Ao deparar-se com a deusa, pede-lhe ajuda para recuperar o amor de Eros. Sem piedade, Afrodite derrama sobre Psiqué todos os tipos de impropérios e ofensas, ordenando que uma de suas escravas, Hábito, a agarre pelos cabelos e a torture. Entregue a duas outras escravas, Inquietação e Tristeza, Psiqué é mais uma vez torturada. Em seguida, Afrodite declara-lhe que para recuperar Eros terá que superar algumas provas. Certa de que Psiqué não conseguirá realizar as provas propostas, Afrodite ordena-lhe separar espécie por espécie uma infinidade de grãos previamente misturados: trigo, cevada, aveia, grão – de – bico, sementes de papoula, lentilhas etc. (Brandão,1988) Todo o trabalho deveria ser feito numa só noite. Psiqué, consciente da impossibilidade de realizar tal tarefa, nem tenta.

Contudo, notando o desalento da jovem, as formigas se reúnem em um verdadeiro pelotão de trabalho e realizam a tarefa proposta. No dia seguinte, Afrodite surpreende-se com o cumprimento da prova. Mas acredita ter sido Eros o responsável. A segunda tarefa proposta era a de colher a lã dourada que crescia no dorso de selvagens e indomáveis carneiros. Ciente da ferocidade e da letal mordida dos tais carneiros, a desesperada Psiqué nem tenta e, mais uma vez, joga-se no rio para morrer. Desta vez é salva por um caniço que lhe pede para não poluir o seu rio. Este também revela a Psiqué a razão da fúria dos carneiros, o Sol. Durante o dia, eles se mantinham em guarda e ninguém podia se aproximar, pois suas mordidas eram letais. Mas, à noite, quando eles permaneciam mansos, deixavam, ao andar, tufo de lã presos às árvores onde, apenas sacudindo-as,

Psiqué poderia recolher-lhos. Mais uma vez Afrodite creditou ao filho os méritos pela realização da tarefa.

O terceiro trabalho consistia em buscar um pouco da água de uma fonte situada no alto de uma montanha. A tal fonte era protegida por dois dragões. Dois rios do Hades, Cocito e Estige, nasciam dessa fonte. Psiqué, mais uma vez sentindo-se incapaz de cumprir a tarefa, nem a iniciou. Entretanto, a águia de Zeus, grata por Eros ter-lhe auxiliado no rapto de Ganimedes, decide ajudar Psiqué e, voando veloz sem se deixar atingir pelos afiados dentes dos dragões, apanha a água da fonte no jarro de cristal que Psiqué lhe dera para tal fim. De posse da água, a jovem dirige-se à Afrodite, que dessa vez credita o mérito da empreitada à bruxaria e à magia. A última tarefa é deveras estranha. Psiqué deve ir até o Hades e pedir a Perséfone um pouco de sua imortal beleza. Afrodite lhe havia dado uma caixinha na qual Perséfone deveria depositá-la. Certa da impossibilidade de realizar tal tarefa, Psiqué dirige-se para uma torre a fim de atirar-se de lá. Imaginou que morrendo poderia chegar mais rapidamente ao Hades. A certeza de que Afrodite, mais do que tudo, gostaria de vê-la morta, era o que não lhe faltava. Contudo, a torre demove-a de tal propósito e a aconselha a respeito da melhor maneira de superar mais essa tarefa. Psiqué deveria dirigir-se até o cabo Tênaros no Peloponésio, de onde seguiria para o Palácio do Orco. Devia levar consigo, além da caixinha, dois óbolos na boca e um bolo de cevada e mel em cada uma de suas mãos. Os óbolos seriam para pagar Caronte, na ida e na volta; os bolos seriam para aplacar a fome e a fúria de Cerbero, o cão que vigiava a entrada do Hades, na ida e na volta. A torre advertia também a respeito de um carroceiro coxo que conduz um burro, também coxo, e carrega lenha. Ele pediria a Psiqué que apanhasse algumas lenhas que haviam caído de sua carroça. Psiqué não deveria lhe dar ouvidos e seguir em frente. Durante a travessia do Estige, um velho afogando-se lhe pediria socorro estendendo-lhe as mãos. Também não deveria atendê-lo. Mulheres tecendo solicitariam sua ajuda e, mais uma vez, não devia ceder e muito menos ajudá-las. Durante o encontro com Perséfone, esta lhe convidaria a sentar-se e lhe ofereceria um jantar. Psiqué se sentaria no chão e comeria apenas um pedaço de pão preto. Por fim, e o mais importante, Psiqué jamais deveria abrir a caixinha que trazia consigo. Tudo foi feito como o combinado, nenhuma tentação tirou a moça de seu principal objetivo. Mas, como a pior e mais grave tentação vem de dentro, Psiqué deixa-se seduzir pela última e insuspeita armadilha de Afrodite: abre a caixinha. E por que o faz? Imaginou que com um pouco de beleza imortal, Eros não resistiria à sua visão e voltaria para ela. Entretanto, ao abrir a caixinha, Psiqué cai num profundo sono letárgico. Enquanto isso, "deitado em berço esplêndido", e já recuperado de seu ferimento no ombro, Eros acompanha à distância o esforço de sua amada em tê-lo de volta. Ao perceber que a amada havia caído na derradeira armadilha de sua mãe, sai em seu socorro. Chegando onde Psiqué se encontra, devolve o sono letárgico para a caixinha e, beijando-a carinhosamente, solicita a Zeus que advogue sua causa junto à Afrodite. O deus dos deuses aceita o pedido de Eros. Psiqué é, então, levada ao Olimpo onde, após beber a bebida dos deuses, a ambrosia, torna-se -como o seu Eros -imortal. Como toda história, no final os dois se casam, são felizes para sempre e têm uma filha a qual denominam Volúpia ou o Prazer.

## 6 – CAPÍTULO V – UMA LEITURA DA SEGUNDA PARTE DO MITO

Logo que Eros se vai, com o ombro ferido, a primeira ação de Psiqué é lançar-se ao rio e à morte. Mas o rio a devolve a terra firme. A impossibilidade de manter consigo o ser amado a abala interiormente. Neste momento, surge uma grande cisão cognitiva e de subjetividade. Qual é, afinal, o seu mundo? O antigo, visual, através do qual ela se apossava de tudo num piscar de olhos, ou, este outro, de prazeres e relações tão intensas e concretas?

A incongruência experimentada é bem mais antiga. Ela deriva-se de um profundo conflito entre o que é sensorialmente experimentado e o que lhe é informado através da fala incisiva, invejosa e devastadora de suas irmãs. Psiqué sente-se esgarçada entre dois mundos, um particular, individual, corporal físico, sensorial, perceptível, vivencial e um outro abstrato, virtual, englobante, magnético e conceitual, porém não experiencial. Mundo este construído sobre verdades não suas.

A angústia lhe assalta, pois é hora de, por si mesma, escolher sua vida, é hora de escolher o que fazer de sua própria vida, sem seu pai, sem Eros, sem irmãs. Mas então, o que fazer? Pan lhe sugere buscar Eros. Talvez esta seja a finalidade maior da própria existência. Dar um sentido à vida. Psique quer sua harmonia interna de volta. Onde estão seu mundo cognitivo, suas percepções e sua ordem representacional? Ela vai até Afrodite. E por que Afrodite? Afrodite, como nos diz Brandão (1988), é também designada "Mãe Terra", "A grande mãe". Neste sentido, interpreta-se que Psiqué passa a interagir com as funções / representações e valores afetivo / cognitivos mais primitivos, fundamentais e essenciais de sua personalidade. Toda a vez que se vivencia um tumulto nas relações indivíduo-mundo, programas elementares de sobrevivência são acionados. Durante períodos de convulsão interna, de caos perceptivo e cognitivo, sobrepõe-se a determinação de auto-conservação e o desejo de restabelecimento da ordem aflora. Em geral, nestas situações, uma nova ordem se instala, ou não. Da mesma forma como aconteceu com Psiqué frente às suas, aparentemente, insuperáveis tarefas, os demais humanos perdem o "chão" e a perspectiva de imediato "afogamento" ocorre. A melhor prova de que a nova ordem só pode ser encontrada dentro do próprio indivíduo está no fato de Psiqué ir de encontro à Afrodite, a "grande mãe", "Alma do mundo" (Brandão, 1988). Ora, diriam alguns, mas Afrodite odeia Psiqué, só quer ver a sua desgraça. Como, então, podemos concluir que é buscando Afrodite que Psiqué se safará de seu caos representacional? O melhor argumento encontra-se no fato de que todo e qualquer reencontro consigo mesmo envolve muito sofrimento, angústia extrema e dor. Não é à toa que, quando Psiqué chega ao palácio de Afrodite é entregue a duas escravas da deusa: Inquietação e Tristeza. Deduz-se daí que todo e qualquer encontro com "Afrodite" é perpassado por dor e desejo de morte. Entretanto, é esta mesma cruel deusa quem oferece a Psiqué a oportunidade de redenção: as quatro tarefas a serem superadas. Contudo, Afrodite apenas oferece, é Psiqué quem tem que decidir se seguirá em frente ou não. Certamente, Afrodite duvida que Psiqué seja capaz de realizar as tais tarefas, como todo homem em crise duvida de sua capacidade de reorganizar o seu mundo interno em transição.

A primeira tarefa consiste em separar, numa só noite, uma infinidade de grãos misturados. Psiqué sente tal tarefa como algo intransponível, como o seria para qualquer indivíduo em fase de transição cognitiva. Limitações sensoriais são geralmente experimentadas como um aniquilamento da velha relação homem-mundo. Entretanto, nem o mundo e nem o homem são mais os mesmos. Mas, as formigas, elemento terra, que segundo Brandão (1988) simbolizam o sistema neuro-vegetativo dos homens, vêm

em seu auxílio na realização da tarefa. O poder de adaptação do organismo ao meio, refazendo representações motoras e cognitivas, é normalmente possível de ser acessado. A primeira tarefa de Psiqué reflete, portanto, a capacidade inata do sistema nervoso de auto regulação biológica, relativa a emoções primárias como o medo, por exemplo, e a manutenção da homeostase (Damásio,1996), dá tempo e segurança para permitir a personalidade se rearranjar. Por outro lado, apreende-se por esta primeira tarefa que Psiqué devia utilizar não mais a visão, mas uma outra modalidade sensorial, a tátil. Como a tarefa deveria ser executada à noite, só através do tato ela poderia ser levada a cabo. Assim, interpreta-se neste contexto, que as tarefas impostas por Afrodite a Psique faziam apelo a um rearranjo sensorial e representacional no qual a representação mental-visual estaria excluída.

Na segunda tarefa, Psiqué deveria apanhar as lãs dos carneiros selvagens. Novamente ela nem tenta. Atira-se no rio e é salva por um caniço, o qual simboliza o elemento água. O caniço, ao contrário das formigas que realizam a tarefa proposta, diz a Psiqué como ela deve realizar o trabalho. Neste ponto, nota-se um primeiro estágio de consciência. Assim, ela descobre que existe uma maneira melhor de agir. Ela não deve buscar a lã durante o dia, mas, sim, à noite. Pela primeira vez Psiqué parece dar-se conta de que pode, por si só, a partir de suas escolhas, alterar os padrões de seu comportamento e de interação com o mundo. Era à noite que ela deveria buscar a lã. Evidencia-se a necessidade de Psiqué reaprender e reorganizar sua relação sensorial com o mundo. Essa aprendizagem passa pela experimentação de diversos modos de aparecimento do fenômeno. Durante a noite, os carneiros não eram ameaçadores. O sol os fazia ferozes, mas a noite os acalmava. Psiqué aprende, então, que sua vivência, sua nova vivência sensorial, pode lhe proporcionar um rico, apesar de distinto, modo de perceber e essencializar o fenômeno (Azevedo, 2004). A terceira tarefa consistia em buscar água numa fonte no alto de uma montanha. Fonte protegida por dois dragões. De fato, Psiqué não consegue subir, mas desta vez, embora pense, não desiste e nem tenta se matar. O cumprimento da tarefa anterior lhe dá a intuição de que pode chegar alguma ajuda, como realmente acontece na figura de mais um elemento da natureza, uma águia, o elemento ar. Mais uma vez, Psiqué deve se submeter a reajustes cognitivos - comportamentais. Como a ansiedade e o pânico diminuíram, tem-se a impressão de que, nesta fase de seu desenvolvimento, Psiqué começa a confiar mais em seus próprios realinhamentos cognitivos, representacionais e emocionais.

Na última tarefa, Afrodite determina que Psiqué vá ao Hades e apanhe, com Perséfone, um pouco de sua beleza imortal. Psiqué cria, por si só, uma estratégia de solução para a tarefa. Dirige-se para o alto de uma torre com a finalidade de se jogar, imaginando que assim chegaria ao Hades mais facilmente. Por que se matar agora? Sobretudo após os êxitos nas tarefas anteriores? Uma interpretação possível é a que aponta para um outro sentido do "jogar-se". Talvez Psiqué não desejasse propriamente a morte, mas um acesso ao Hades. Contudo, a melhor interpretação remete à percepção consciente de Psiqué da solidão dramática a que estaria exposta e à complexidade da tarefa. Desta vez nenhuma ajuda adviria, e tal idéia é deveras perturbadora. Esta última prova parecia a mais perigosa e definitiva. Enfrentar o Hades era, conscientemente, assumir integral e individualmente uma nova condição representacional e cognitiva (Azevedo e Joffily, 2007), uma vez que no Hades, a terra dos mortos, não existia auxílio possível. Sozinha com sua consciência, Psiqué deve levar a cabo a última tarefa. Na verdade, já era hora da jovem enfrentar o mundo dos mortos, seus velhos medos, antigos dramas, e de lá sair incólume. Essa prova faria com que Psiqué aceitasse como seu, um novo mundo e uma nova ordem cognitiva, onde uma nova hierarquia e organização sensorial dariam origem a um inédito estado representacional. Tratava-se, pois, de um verdadeiro ritual de passagem (Azevedo e Joffily, 2006). A conversa que Psiqué estabelece com a torre evidencia o caráter consciente deste seu último empreendimento

(Brandão,1988). Como a torre é um objeto que permite ver-se à distância, prever o que está para acontecer, este elemento evidencia que Psiqué deverá assumir conscientemente o controle de sua jornada. Por outro lado, a torre, segundo Brunel (2000), está associada à Juno e ao elemento fogo. Segundo este mesmo autor (ibid,2000.), nas tradições herméticas do Tarô, este mesmo símbolo -uma torre rachada por raios, simboliza a reconstituição de um ciclo cósmico e a completude de um mistério.

Ainda nesta tarefa, muitas restrições são impostas a Psiqué. Ela não pode ajudar o carroceiro coxo, o velho que se afoga, as mulheres que tecem e, muito menos, aceitar o convite para se sentar em uma cadeira e jantar com Perséfone. Não deve apanhar a lenha do carroceiro, uma vez que ela cairá novamente. Faz-se necessário não repetir velhos costumes, velhos significados e velhos modos de interação. Mesmo porque, em sua nova ordem cognitiva e de sentido, eles lhe serão inúteis. Não deve ajudar o velho, pois velhas imagens e velhos conceitos não são mais coerentes em seu novo mundo. As mulheres que tecem incessantemente, também simbolizam a manutenção de padrões e hábitos arcaicos. A mais grave de todas as tentações seria a de aceitar o convite de Perséfone e sentar-se para jantar com ela. Isso significaria se identificar com a morte, com tudo que não mais pode ser mudado (Brandão, 1988). Neste caso, a tarefa de redimensionar seus valores, idéias, impressões, imagens, hábitos, se perderia por completo. No Hades, nada muda; lá, tudo é morto, tudo é como sempre foi e ao instalar-se naquele lugar, naquela condição, ela perderia a oportunidade de reordenar seus modos de interpretar, selecionar, estruturar, enfim, representar um novo mundo a partir de um contexto representacional diferente. Psiqué sai do Hades vitoriosa, sem ceder a nenhuma tentação e sem se desviar de seu objetivo. Só que a mais perigosa e última das tentações não está tão explícita nem tão visível quanto as anteriores. A tentação sempre presente de atrair o olhar do outro, de reassumir um padrão de interação marcadamente visual, faz com que ela abra a caixinha, acreditando assim conquistar um pouco da beleza imortal de Perséfone. É bom lembrar que nas caixinhas estão guardadas as maiores mazelas. Foi assim com Pandora, e é assim também com Psique (Brandão, 1988). Aqui, vemos como o velho mundo visual e absolutamente magnetizador, totalizante, gestáltico, dificilmente desaparece. Ele permanece à espreita, envolvendo os homens com seu manto de sono estígio (relativo ao rio Estige do Hades). Sim, sono letárgico, mortal, porque induz ao mais destrutivo de todos os pecados, aquele que faz com que os homens sonhem em retornar, mesmo quando iniciados em um novo estado cognitivo, à antiga ordem representacional. Como Psiqué, os iniciados em uma nova ordem cognitiva e de sentido a que se refere este trabalho, carregam uma espécie de caixinha mágica, onde está tudo aquilo que não pode ser visto. Contudo, tentadoramente, o que não pode mais ser visto e experienciado está sempre referido e oferecido no âmbito da linguagem e, em alguns casos, na memória. Do sono letárgico, só se sai com a ajuda de Eros. Mas, quem é Eros afinal? Neste momento, Eros representa a união, a coesão em novas bases, o amor por si mesmo e por uma nova ordem cognitiva / sensorial /representacional onde não há mais lugar para insanos medos e desistências precipitadas. Através da coesão de Eros, permanece-se a salvo da tentação de se cair numa definitiva e fatal fragmentação cognitiva, onde duas diferentes ordens representacionais se digladiam, a velha que não é mais e a nova que irrefreavelmente tenta se estabelecer. Psiqué vai ao Olimpo, bebe ambrosia e torna-se imortal. Recupera sua harmonia interna e o amor por si mesma. Ao conquistar uma identidade, Psiqué adquire estabilidade cognitiva e emocional. Tendo conquistado Eros, não mais está dividida entre dois estados subjetivos. Assim, a resignificação se completa. Contudo, permanece em aberto o ser, para o futuro, rico de possibilidades e por isso mesmo, cheio de contradições.

## 7 – CONCLUSÕES

Pelo exposto, nota-se que o homem possui, talvez, uma infindável capacidade de metamorfose, de transformação, de recriação. Não há dúvida, que condições sócio-históricas e biológicas produzem condicionamentos por vezes extremamente densos e difíceis de serem alterados. Contudo, sempre resta ao homem algum nível de liberdade e de mutação. É interessante perceber que um texto tão antigo quanto Eros e Psiqué contém significados que apontam para dimensões humanas que são inalienáveis, ou seja, a liberdade, a escolha, a decisão de seguir, ou não, em busca de seu amor, está sempre dado, está sempre sendo refeita. Tudo isso indica algo fundamental: a noção de tempo. O sentido, a compreensão que o *dasein* pode ter da vida está intimamente ligada ao tempo. Passado, presente e futuro não estão indissociados, não podem ser vistos como três categorias separadas ou incomunicáveis. O sentido, a compreensão está na percepção conjunta de passado, presente e futuro. Quando o *dasein* lança-se para o futuro em busca de algo, ou, na realização de seus projetos, ele consegue ou poderá conseguir integrar e compreender seu passado a partir dos elementos de futuro que vão se presentificando.

Psiqué poderia ter desistido, poderia ter encontrado outro amor, poderia ter vivido solteira, ela poderia ter tido vários destinos, mas preferiu conduzir-se ao futuro, conduzir-se também à dor, mas talvez uma dor diferente: a dor da luta, da transformação, da metamorfose. É uma dor distinta da dor do que desiste, distinta da dor daquele que não tem mais esperanças, daquele que deixou-se levar e não mais é senhor de si mesmo. Ser formador de novos significados promove o *dasein* a construtor de sua história e assim, poderia dizer, a construtor do mundo, pois a história de cada um não está apartada da história dos homens. Cada modo de existência novo produz novas possibilidades de vida em comum e de transformação social. Para ser bem preciso: um cego que aceita e se conduz pelos significados já dados sobre a cegueira, ou, que se submete a todos os preconceitos, idéias, crenças, mitos que se encontram dispersos no corpo social, não faz história, não se recria e não auxilia a recriação do mundo. Mundo que poderá um dia estar aberto às diferenças, rico de significados que indiquem a abundância da vida. Vida, de qualquer jeito vida humana, livre, fértil, aberta.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AROUX, Syvain, dirigido por. Les notions philosophiques - Dictionnaire. Tome. 2. Paris: Presses Universitaires de France, 1990. isbn-213041442.

AUGRAS, Monique. O Ser da Compreensão: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico. Petrópolis: Vozes, 1986.

AZEVEDO, Patrick W. Sexualidade: Desejo e Cognição. 2004. 255 P. Dissertação (Mestrado) Laboratório de Cognição e Linguagem do Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes/RJ.

AZEVEDO, Patrick W. e JOFFILY, Sylvia B. Mitologia e Percepção. In: REIMÃO, Rubens (Org). Distúrbios do Sono. São Paulo: Associação Paulista de Medicina. 2006.

AZEVEDO, Patrick W. e JOFFILY, Sylvia B. O sonho e a cognição. In: REIMÃO, Rubens (Org). Medicina do Sono: Neurociências, Evoluções e Desafios. São Paulo: Associação Paulista de Medicina. 2007.

BRANDÃO, Junito . Mitologia Grega. Petrópolis: Vozes,1988.

BRUNEL, Pierre. Dicionário de Mitos Literários. Tradução de Carlos Sussekind et al. Prefácio à ed. Brasil Nicolau Seveenko. Edição n. 30. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2000.

CRITELLI, Dulce Mára. Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: Brasiliense, 2006.

DAMÁSIO, Antônio R. O Erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial. São Paulo: Vetor, 2000.

FRANKL, Viktor E. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. Petrópolis: Editora Vozes, 1991.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PENHA, João da. O que é existencialismo. São Paulo: Brasiliense, 2001.

POMPÉIA, João Augusto e SAPIENZA, Bilê Tatit. Na presença do sentido: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas. São Paulo: EDUC; Paulus, 2004.